

Terno das Camponesas: as Pastorinhas da Saudade

Texto e fotos de Leopoldo Alves

As alegorias sucediam-se e com elas a história passava: ali os indígenas que habitaram a terra quando ela era só inocência; logo a seguir os pioneiros que abriram os campos, que escreveram o prelúdio das lendas, dos anais; vinham os heróis que lutaram em terras do Paraguai; seguiam-se os intendentes, o primaz da Comarca, os que edificaram a paróquia, os homens rudes dos campos, os vaqueiros das caatingas. Os símbolos, nas mãos da juventude alegre, diziam das esplendorosas epopéias que escreveram a vida da terra. Os blocos cantavam os carnavais do passado; a Zambumba evocava o São João nas roças. Tudo era recordação, era voltar a desfilar pelos anos que encheram todo um século.

A cada seguimento, o estalar das palmas, o uníssono das ovações, a neve alegre de papel em pedacinhos caindo dos sobrados. De repente um hiato: a multidão recua, alarga a passarela, abrem-se as passagens. Um silêncio brusco sufoca os aplausos; no ar, apenas a harmonia, cadência da mar-

cha, ranho que vem de longe, que vai chegando, vai chegando, torna forma definida, é agora inconfundível. Com ela vem o estandarte — o azul e branco flutuando no ar — vêm as lanternas multicolors, os carramanchões de pindoba; as mocinhas dançam — pandeiro na mão; os rapazinhos — todos de alvo — fazem as cortesias, são os guardiões, os cavaleiros das damas. É a rememoração do "Terno das Camponesas" que entra avenida adentro para reviver o último dos grandes reisados de Serrinha, a "princesa dos tabuleiros do sertão balano".

"COM ALMA EM FESTA AS CAMPONESAS..."

Trazido as ruas para lembrar os anos que inspiraram o centenário de alforria o seu simbolismo atravessou a garganta do povo — de princípio pasmado, incrédulo; em seguida delirante, arrebatado —, calou profundo nos corações dos filhos da terra, colocou-se no cucuruto da serra de onde desciam todas as reminiscências de Serrinha no dia da sua grande efeméride.

Os jovens aplaudiam, sor-



Estandarte azul e branco flutuando no ar, as lanternas multicolors, os carramanchões de pindoba, vem o Terno abrindo alas, pedindo passagem.

riam — somente sorriam — não podiam ter maiores recordações, motivos outros que sacudissem seus sentimentos; eles não viveram a época que por ali desfilava. Os mais vividos sentiam na alma todo o fausto de uma era distante, imorredoura. Via-se nas faces o esplendor dos bons tempos que se foram; concebiam-se a nostalgia traduzida no misto de sorriso e choro; sentia-se a saudade feita em lágrimas, pingando ali, nos olhos miúdos de Dalila, rotando acolá, dos olhos lânguidos de Belinha Maciel.

O Terno de Reis é um relicário de saudades: é o povo

relembrando os Reis Magos, festejando a vinda do Menino Jesus. A festa que marcava um século, era toda lembranças, recordações, e o "Terno das Camponesas" foi arrancá-las das memórias para trazer mais saudades. Ah! Que saudades gostosas! Sobre as pedras do calçamento por onde passaram os antepassados, vinha ele abrindo alas, pedindo passagem. A orquestra típica dos reisados tocando a melodia imortal de João de Barros, as mocinhas cantando os versos que Dalcio Teixeira adremente escreveu: "Com alma em festa / camponesas..."

A cada ala que passa, é como ver de novo Elusão, João de Castro, Zizinho Gonçalves, dona Pipe Clarice Maciel. Em cada mocinha que brinca o pandeiro, a gente revive Nianza, Maria José, Ivone Maciel, Glorinha Valverde, Carmem Gonçalves, Glátria Ramos, Lelinha, Celina, Zilda, Dalva Paes, as meninas de Olegário Bacalhau, as lindas meninas de João Pinheiro.

"A dona da casa / Ela é boa e dá / Garrafa de vinho / Doce de Açaçá"

Os rapazolas pulam a gente mistura o tempo e vê de novo Tote Mota, Teófilo Limeira, Bizeca, Aderbal e Zezito de Leobino, Paulino Bieta, Joaquim Policarpo, Elizio, Peluza, Silvio e Tonico Nogueira. Na mistura dos sons, a gente ouve, como outrora, o saxofone de Alfredinho, o trombone de Nelson Ramos, a clarineta de Angelim, o contra-baixo de Panema, a flauta de Lourinho, a bateria de Nestor.

Na porta da singela Igreja, o Terno parou. Pandeiros no ar, guisos em algazarra, a canção inesquecível: "Noite Feliz / Silêncio e paz..."

e Paz... "E a gente viu, viu Manoel Chileno, Basílio Cordeiro, Cornélio Paes, Juca Campos, portas abertas, recebendo o "Terno da Estrela", o "Terno Rosas do Oriente".

Da Rua Direita vem Joãozinho Barbeiro, o soturno

com o cântico das camponesas"... O Bom Jesus / É que nos traz...". É uma mensagem que se perdeu na explosão das celebrações. Não necessitou falar. Seus olhos miúdos, de um azul celestial, refletiam toda a volúpia do desabafo: "Quem dera a gente poder voltar



"Com alma em festa, as camponesas vão prá rus cantar..."

Joãozinho Barbeiro, o último dos boêmios errantes, paixão ardente de Fia da Folia. Aproxima-se, baixinho e lento, carregando na face todos os suspiros das noites que se perderam nos confins, trazendo no peito a dor pungitiva das recordações. Cochicha-me — ele que sempre falou baixinho, cochichando é um sussurro —, é um sussurro que se mescla

atrás, vê, como antigamente, os Ternos nas portas de Dr. Agenor, de Luis Nogueira, de Macário Ferreira, as pastorinhas entoando: "A dona da casa / Ela é boa e dá / Garrafa de vinho / Doce de Açaçá". Aquelas lindas meninas dos dias gloriosos de Serrinha, ali agora revividas no Terno das Camponesas — as Pastorinhas da Saudade,



Na porta da Igrejinha o terno parou. pandeiros no ar, guisos em algazarra, a canção inesquecível: "Noite feliz/Silêncio e paz..."